



ALOCUÇÃO

**DE SUA EXCELÊNCIA KAY RALA XANANA GUSMÃO
CHEFE DA EQUIPA DE NEGOCIAÇÕES DO CONSELHO PARA A DELIMITAÇÃO
DEFINITIVA DE FRONTEIRAS MARÍTIMAS E REPRESENTANTE ESPECIAL DO
GOVERNO PARA A ECONOMIA AZUL**

CERIMÓNIA OFICIAL

ENTREGA DO PRÉMIO LITERÁRIO GUERRA JUNQUEIRO, LUSOFONIA 2021

Salão Nobre da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, Portugal

04 de novembro de 2022

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, Dr. Nuno Ferreira

Excelentíssima Senhora Curadora do Prémio Literário Guerra Junqueiro, Dra. Avelina Ferraz

Excelentíssima Senhora Vice-Presidente e Vereadora da Cultura e Educação da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, Dra. Ana Luísa Peleira

Excelentíssimo Senhor Vereador, Dr. Pedro Vicente

Senhoras e senhores
Caras amigas e caros amigos,

Estou feliz!

Feliz por vir encontrar aqui, nesta localidade tão longínqua de Timor-Leste, tremendo carinho e amizade.

É a primeira vez que venho a Freixo de Espada à Cinta e não posso deixar de partilhar que estou absolutamente encantado com a beleza desta vila – dos seus recantos históricos e centenários, ao esplendor da natureza e à amabilidade das suas gentes.

Muito obrigado! Muito obrigado pela maravilhosa receção e acolhimento, a mim e à minha delegação, e pela organização desta cerimónia.

Agradeço, em particular, ao Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, mas também a todos os colaboradores e funcionários da Câmara Municipal, que me proporcionaram este privilégio e esta alegria. Eu que pensava ter já esgotado todos as afabilidades que cabem numa vida.

Minha querida amiga Dra. Avelina Ferraz, também a si, lhe dirijo uma vénia de agradecimento e de amizade.

Como sabe, ter sido contemplado com este ilustre Prémio Literário Guerra Junqueiro Lusofonia 2021, sacudiu-me de espanto e, também, de responsabilidade.

Ser comparado a Guerra Junqueiro, filho desta terra, que pela sua genialidade transformou consciência social e política em arte, é para mim uma homenagem sem precedente!

Guerra Junqueiro deixou-nos uma obra universal, quer em tempo, quer em espaço. Manter viva a sua memória é, portanto, uma honra para todos os países falantes do português, onde Timor-Leste não é exceção.

E, na verdade, a distinção de hoje não se restringe, nem se pode restringir, a mim. Cabe sobretudo aos meus bravos antepassados que brandiram as suas espadas ao ideal de emancipação e, ainda, a tantos valorosos homens e mulheres, Timorenses, já do meu tempo, que não se deixaram vergar por uma violenta ocupação, de um quarto de século, e que, com sangue, suor e lágrimas, conquistaram o seu direito à independência.

Neles reside, pois, a minha inspiração para sonhar e para escrever... As minhas palavras não são mais do que ecos de grandeza, coragem e resiliência de um povo, o povo maubere! E eu, sou apenas um mero afortunado por ter podido passar pelos bancos da escola, onde aprendi as idiosincrasias da língua portuguesa.

Por isso digo que se existir alguma vaga semelhança entre mim e o Grande Poeta Guerra Junqueiro, esta será, certamente, no gosto pela língua portuguesa.

Mas nunca imaginei que em Freixo de Espada à Cinta pudessem ter tido a gentileza de considerar os meus poemas como merecedores de algum apreço.

Caros amigos,

Longos 47 anos passaram, desde que comecei a escrevinhar... Foi por ousadia, ou simplesmente pela irreverência própria da juventude, que me aventurei

nas minhas Mauberíadas, seguindo a referência do, quanto a mim, simplesmente excepcional poeta português, o Luís Vaz de Camões.

Mauberíadas foi como que uma “imitação” do grande tesouro português “Os Lusíadas”. Fiz tudo o que pude para poder seguir o engenho de Camões na lucidez da escolha da tónica das palavras, engendrando assim a obra de arte, que são “Os Lusíadas”.

Em 1975, vivia-se à época, também em Timor-Leste, o espírito do “pós-25 de abril”, um período de esperança, de ideais democráticos e de vontade em tomar as rédeas do nosso próprio destino.

Tentei descrever o contexto histórico em que nos encontrávamos e, assim, expressei, nos Mauberíadas, uma devida homenagem ao Povo português:

*“À gente lusa a nossa homenagem
Sincera, sem peias, de cujo brilho
Ao vento da história deu viragem,
Limpou do fascismo o pecadilho,
Permitiu a humanos de outra raça
Tratarem-se todos com igualdade.
Se, outrora, eram menos que a pobre traça
O apanágio, agora, é irmandade.”*

Porém, mesmo depois da “revolução dos cravos”, para Timor-Leste a liberdade retardou a chegar. E não fosse essa “irmandade” que referi, na altura ainda alheio ao futuro sombrio que nos espreitava, talvez hoje não pudéssemos dizer que a liberdade é para todos.

A incrível solidariedade dos portugueses e o empenho e a diplomacia exímia dos seus governantes, desempenharam um papel crucial na nossa difícil luta pela libertação.

Estamos muito gratos a Portugal, e também aos outros países da CPLP, pelo apoio, cooperação e amizade, não só no processo que conduziu à nossa independência, mas também no processo de construção do Estado e da Nação.

E se em lusofonia partilhamos mar, cultura e língua, partilhamos também uma sensação inexplicável de que fazemos parte de algo maior, a tal “irmandade”, que nos coloca em posição de contribuir para o bem comum dos nossos povos e das regiões em que nos inserimos, nos quatro cantos do mundo.

Estou convicto de que este Prémio Literário Guerra Junqueira na Lusofonia, vem precisamente reforçar este sentimento e este projeto de nos unirmos ainda mais, usando o mais belo dos instrumentos na nossa posse, a língua portuguesa, para celebrar não apenas a arte e a literatura, mas também a humanidade.

Não sou um escritor e muito menos um poeta... Sou apenas um “escrevinhador” que, nos rasgos de dor de toda uma Pátria, encontrou, em folhas de papel, restolhos de liberdade, pelas lições que tenho vindo a aprender da vida e pelo peso das responsabilidades que me pesavam sobre os ombros.

Embora tivesse sido um sonho, nunca pude ter tempo para escrever romances, já que os meus dias e noites passados no conforto do frio e da fome me torturavam para a definição exata dos difíceis e sombrios atalhos de viver, de assumir e de traçar os esboços da Arte da Guerra.

Nas folhas encadernadas que aqui trouxe, podem perceber as pinceladas de sangue que tentei marcar nas difíceis páginas da história de Timor-Leste.

Também escrevi sonetos e outros poemas, que se perderam na violência e destruição dos tempos.

Gostaria, finalmente, de congratular todos os outros laureados do Prémio Guerra Junqueira Lusofonia e apelar, sobretudo aos mais jovens poetas e escritores, para que, tal como Guerra Junqueira, continuarem a inspirar e a despertar mentes e

sentimentos que levem a uma nova “consciência social e política” onde a liberdade, o desenvolvimento e a prosperidade sejam uma realidade para toda a humanidade.

Num mundo torturado de hoje – de guerras, pobreza, desigualdades sociais e económicas, ódios, racismo e intolerância – nunca foi tão importante a resistência ativa em prol da justiça, dos direitos humanos e da paz.

Ao Prémio Guerra Junqueiro Lusofonia, em boa hora criado, só posso desejar um “longo e bem-sucedido futuro”, não só porque é um incentivo à criação de consciência, como um veículo para a sua disseminação.

A todos, Senhoras e Senhores, o meu muito obrigado pela vossa atenção!

Freixo de Espada à Cinta, 04 de novembro de 2022

Kay Rala Xanana Gusmão